



Ensaio

TREINAMENTO DE EQUIPES ESPORTIVAS EM ESCOLAS: O QUE SE APRENDE COM ISSO?

SPORTS TEAM TRAINING IN SCHOOLS: WHAT IS LEARNED WITH THAT?

Marcelo da Cunha Matos

Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ - Brasil

Resumo: O presente texto busca trazer um relato de experiência no que tange ao treinamento de equipes esportivas em escolas. Embora haja uma discussão longa sobre a competição e o esportivismo dentro da área da Educação Física, é recorrente nas escolas a existência de equipes representativas esportivas que participam de torneios intercolégiais e similares. Deste modo, este artigo surge como uma provocação a fim de elucidar o que os professores podem aprender com esta polarização entre o esporte educacional e o esporte de caráter mais competitivo dentro das escolas.

Palavras-chave: Competição; Torneios; Jogos intercolégiais; Esporte.

Abstract: The present text seeks to bring an experience report regarding the training of sports teams in schools. Although there is a long discussion about competition and sportsmanship within the area of Physical Education, it is recurrent in schools the existence of representative sports teams that participate in intercollegiate tournaments and the like. Thus, this article appears as a provocation in order to elucidate what teachers can learn from this polarization between the sport of education and the sport of a more competitive character within the schools.

Keywords: Competition; Tournaments; Intercollegiate games; Sport.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Incomoda-me de certa maneira redigir um artigo em que eu tenha a preocupação (ou obrigação?) de, constantemente, fazer citações para corroborar o meu pensamento. Logicamente, não quero com esta afirmação retirar a real importância desta formalidade em trabalhos acadêmicos. Pelo contrário, o seu uso torna-se necessário para fundamentar uma ideia e mostrar ao leitor que certo assunto é recorrente entre os acadêmicos da área. O desconforto que trago é o excesso de citações que retiram a individualidade do autor e suprimem as escritas que poderiam trazer o relato de experiências que só quem vivenciou pode dizer com propriedade. Afinal, se o tema que um determinado autor traz para uma discussão é algo que o instiga, deixemos o mesmo se expressar e não incliná-lo a elaborar uma “colcha de retalhos”. Embora possa parecer uma contradição da minha parte,

justifico e defendo a ausência de citações citando a obra “A sociedade do espetáculo” de Guy Debord, por ser uma obra cuja redação não possui qualquer citação. Não pretendo imitar Debord, mas quero deixar mais minhas experiências falarem por si só e usar citações apenas para exemplificar ideias que pretendo defender neste trabalho.

Partindo desta premissa, priorizarei dar luz às minhas palavras e recorrerei às citações dos conhecimentos que vivi. Buscarei fazer dar meu ponto de vista como professor de educação física do Ensino Fundamental e Médio e da equipe esportiva de voleibol de um renomado colégio particular da cidade do Rio de Janeiro há oito anos. Além deste período, já tive a oportunidade de atuar, ao longo de toda minha jornada no magistério, em outras instituições de ensino, tanto com a disciplina escolar educação física quanto com o ensino de esportes em aulas extracurriculares.

2. O INÍCIO

Considero-me alimentado por ideias pedagógicas progressistas. Antes de cursar Educação Física, já cursava a faculdade de Geografia. Após mais de uma década de formado, ao olhar para trás, vejo que essa experiência me deu um arcabouço ‘universitário’ que colaborou com minha trajetória ao ingressar na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Considero importante mencionar esse fluxo de vida para entender de modo sintético as minhas ações posteriores. Não era fácil me convencer com um discurso que até hoje considero inconsistente de que a educação física é importante para manter a qualidade de vida dos alunos, para ensinar a prática esportiva etc. Para mim, a Educação Física era muito mais do que esse discurso raso e acreditava que nesse havia um propósito manipulador e opressor. Daí, buscava analisar a Educação Física sempre pelo lado ‘esquerdo’.

Neste cenário, era recorrente da minha parte dentro das aulas uma fala contestadora sobre o uso do esporte nas aulas de educação física e o valor dado à competição dentro desta disciplina. Ora recebia a empatia de certos professores, ora não... Entretanto, não se podia negar que durante a minha graduação era recorrente a discussão, leitura, debates sobre a influência da tendência esportivista-tecnicista na área. E esta era algo negado e combatido nesta “nova” educação física que vivi, muito em decorrência das abordagens pedagógicas que nasceram a partir da década 80 aproximadamente, tais como a abordagem crítico-superadora, abordagem crítico-emancipatória, o advento do PCN, para citar alguns. Basta uma rápida pesquisa em qualquer site de busca para achar artigos ou livros que criticam o fenômeno esportivo dentro da escola pelo seu caráter excludente, seletivo e pouco didático.

Por idealismo e inexperiência, minhas ações não enxergavam que ter uma única forma de ver um assunto era rigorosamente empobrecedor. Analisar os movimentos que regem a educação e a educação física de maneira estruturalizada, isto é, lutando contra algo, muitas vezes personificado como um sujeito oculto e por algo a ser “combatido”, não nos permite observar que tais lutas são fluidas e os atores mudam de lugar constantemente. Diferentemente, este ‘outro’ sujeito também é transitório, analisando como os indivíduos estão passíveis de subjetivações, que o constituem como sujeitos.

Daí ingressei no mercado de trabalho negando certas ações, tais como o ensino de fundamentos e regras esportivas, o uso de certas abordagens

pedagógicas 'interditadas' numa educação física progressista como, por exemplo, o desenvolvimentismo e o construtivismo. Ser um bom educador era se apropriar de uma educação cujo objetivo é lutar contra a sociedade de classes e refutar qualquer manifestação da cultura dominante! O esporte era um exemplo dessa refutação. Meu maior receio era ser visto como um professor tecnicista. Assim aprendi na faculdade...

Pois bem, logo quando ingressei nesta escola, que usarei como recorte para este artigo, fui convidado a treinar a equipe de voleibol feminina que compreendiam alunas do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, com o intuito de levá-las a representarem a instituição em eventos e torneios esportivos. Ironia do destino? Seriam os deuses do esporte me “pregando uma peça”? Lá fui eu para essa experiência, sedento em mudar nessas alunas esse esporte “alienante” e “excludente”.

3. DIÁRIO DE UM PROFESSOR EM CRISE

Meu primeiro dia de aula para esse grupo me deixou com as mãos suadas, pernas trêmulas e voz carregada de apreensão. Logicamente, não demonstrava tal desconforto. Por ser tratar de uma escola de renome na cidade e ter um gigantismo que impressiona qualquer professor novato ou experiente, não queria falhar e, ao mesmo tempo, queria construir um método diferenciado daquilo que sempre era feito.

No primeiro dia de aula, uma quarta-feira de março de 2009, recebia na quadra principal da escola as alunas com muito mais experiência naquele território do que eu próprio (isso é um segredo entre nós, ok?).

Enfim, inicialmente eu me apresentei às alunas, expliquei rapidamente como seriam as aulas e permiti que elas aquecessem brevemente. Após aproximadamente dez minutos de aquecimento, resolvi aplicar com elas um jogo competitivo que usava os fundamentos do voleibol, de fácil assimilação, com regras simples e minimamente motivante... pra mim. Porque para elas foi um desastre! “Por que você não dá jogo, professor?”, “A gente poderia fazer exercícios de fundamento.”, “Não entendi nada desse jogo!”, “Isso aqui não é treino de equipe?” “Por que esse joguinho de criança?”. Essas foram algumas perguntas e afirmações que ouvi ao final da minha primeira atividade da minha primeira aula na nova escola. E ainda faltava uma hora e quinze minutos de aula...

Analisando hoje esta situação, vejo que as alunas sem querer me mostraram algo preponderante para qualquer aula de qualquer disciplina escolar: a relevância social de conteúdos. Imbuído dos meus ideais de maneira tão veemente, eu mesmo tropecei neles e não vi que em casos como esse, eu precisaria me apropriar de outras abordagens pedagógicas para ministrar a aula. As tendências que construíram a Educação Física até os dias atuais não podem ser negligenciadas, tampouco desvalorizadas. São elas, assim como as abordagens pedagógicas que fazem ser o que a Educação Física é hoje e fazem desta disciplina escolar ser tão importante dentro das Instituições de ensino. Em todas LDBs (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) existentes em nosso país, a Educação Física sempre esteve presente, sabia? Diferentemente de muitos pessimistas de plantão, não vejo a Educação Física como uma disciplina marginalizada, mas, pelo contrário, vejo-a como uma fortaleza dentro da escola. Em cada LDB, entendo que há uma concepção diferente de Educação Física. Ora vista como instrumento militar,

ora vista como propaganda política, ora vista como disciplina meramente esportiva-prática. Mas ela estava lá. E isso é uma vitória!

Passados alguns meses, fui me ambientando com esta nova função e criando mais confiança. Afinal, ser professor de educação física e professor de uma equipe esportiva escolar são duas ações pedagógicas diferentes, mesmo ambas sendo dentro de um mesmo ambiente de ensino. É preciso discernimento para perceber suas distinções. A primeira lição que tirei dessa experiência é que não podemos negar nenhum conhecimento, nenhuma informação em nossa trajetória profissional.

Ao final de cada ano, chegam novas alunas no 9º ano e saem outras, formadas no 3º ano. Um novo ciclo começa, a heterogeneidade na turma é um complicador. Sentia muitas vezes que dava um passo à frente para dar dois passos para trás. Quando o grupo estava melhorando, entravam outras alunas ainda muito “cruas”. Na minha escola, não há inscrição para participar das equipes, qualquer um pode fazer parte da equipe, do mais ao menos habilidoso.

É nítida que a profissão docente é uma constante retroalimentação. Você dá um pouco de si e do seu conhecimento e seus alunos também lhe dão algo. Partindo disso, eu construí nas minhas aulas de voleibol uma relação impressionantemente saudável, afetuosa, honesta e, acima de tudo, vitoriosa.

Usei a última palavra do parágrafo anterior de maneira proposital, pois enganou-se quem entendeu que o adjetivo “vitoriosa” era para definir uma trajetória com muitas vitórias esportivas, muitos jogos na qual minha escola venceu. Pelo contrário. Tenho orgulho em dizer que perdi muito mais jogos do que venci. E foi exatamente isso que me fez ser vitorioso.

Passei a presenciar a competição que sempre combati na universidade, uma competição por si só, com o único objetivo de derrotar a escola adversária, como um espaço de disputa e, também, de ressignificação. Embora o chamariz desses torneios para as escolas e para o público em geral fosse a integração e o incentivo ao esporte, os professores, ou melhor, os treinadores se respeitavam apenas para dizer “bom jogo”, “parabéns”, “ótimo trabalho”. Fora isso, muitos deles davam uma aula de como não ser professor, gritando palavrões, retrucando com os árbitros, tentando dar um “jeitinho” para sua aluna jogar mesmo tendo esquecido a carteira de identidade, etc. As alunas participantes se integravam apenas para tirar aquela foto no final do jogo com todas reunidas. Após isso, não trocavam uma palavra sequer.

Nos primeiros jogos, percebia que as escolas adversárias eram muito mais preparadas do que a minha escola. Tinham mais táticas treinadas, variações de bolas, um clima mais “clubístico”. As alunas/jogadoras tinham uma postura de atleta: meiões esticados pela perna, “rabos de cavalo” amarrados como as jogadoras profissionais, posição das mãos ao lado da rede, Joelheira da melhor qualidade e o tênis mais ainda. Já as minhas alunas sequer tinham o costume de comemorar quando faziam ponto. Ou melhor, quando faziam o ponto comemoravam como se estivessem na aula de educação física. Já as demais jogadoras das escolas adversárias comemoravam como atletas profissionais. Após o primeiro jogo (e também a primeira derrota), o dever de casa delas foi inventar um grito de guerra para nossa equipe.

Voltei para casa com uma reflexão que demorou dias. Qual o sentido de várias escolas competirem? Por quê? O que se ganha com isso, além de um troféu que ficará na estante da escola por anos acumulando poeira? Afinal, naquele troféu não terá sequer os nomes das alunas que ganharam. Se pelo menos tivesse o nome do grupo que conquistou, talvez daria mais sentido a ele, valorizando as pessoas e

não apenas a instituição. Daqui há alguns anos, quando perguntarem sobre aquele troféu, lembrarão dos alunos que passaram por ali?

4. AS VERDADEIRAS VITÓRIAS

Entendo que uma competição escolar deva ter uma intervenção pedagógica como a principal norteadora do trabalho. É essa que deve ser a conquista e não um mero troféu ou medalha. Uma mudança de postura possa ser a melhor forma de avaliar o trabalho, jogo após jogo, aula após aula. Nessa função exercitei a junção e mescla de todas as abordagens pedagógicas e seus respectivos discursos que formam o que hoje conhecemos como Educação Física escolar. Eu criei uma metodologia própria, valorizando o que eu acreditava enquanto esporte escolar. Além disso, descobri que o ensino da técnica não é o mesmo que ser técnico, quase um “palavrão” dentro do dicionário da Educação Física.

Logo, listo abaixo as verdadeiras vitórias que obtive como professor e que carrego para sempre comigo:

- Um grito de guerra que perdura até hoje, valorizando a instituição que elas defendem. As alunas adquirem a noção de pertencimento, uma tarefa que nós, professores de equipes esportivas, possuímos, aproximando as alunas do universo escolar;
- Por regra da escola, qualquer aluno do 9º ano ao 3º ano do Ensino Médio pode participar. Não precisa haver inscrição ou seleção para o ingresso na turma. Deste modo, desde a aluna mais habilidosa até a menos habilidosa pode jogar e fazer parte do “time”. Assim, cria-se uma equidade no ambiente, cujo catalisador para entrar na turma é apenas a vontade de jogar. Além disso, alunas de 14 anos de idade (idade aproximada do 9º ano) tem a oportunidade de se relacionar com uma aluna de 17 (idade de alguém no 3º ano). Isso numa escola com mais de 2000 alunos é um sinal valiosíssimo. Afinal, aonde essas meninas de idades e interesses diferentes iriam se encontrar para conversar? No recreio? Pouco provável... Elas estariam cada uma no seu grupinho de amigas da mesma idade e série. Quando ouvia que uma das meninas havia convidado a “turma do vôlei” para seu aniversário, era uma vitória muito mais importante do que a do jogo do torneio que participávamos. Naquele momento, o esporte cumpria com seu papel agregador;
- A relação comigo era diferenciada. A cada viagem que fazíamos, a cada bate-papo que tínhamos na arquibancada esperando nossa partida começar, a cada desabafo que ouvia, me fazia um professor mais forte e idealista. Percebia que poderia ajudar aquelas meninas não só ensinando os fundamentos e táticas do voleibol, mas, também, dando conselhos enquanto um educador;
- Nossa participação nos eventos era diferenciada. Entre nós, não havia discussões com os adversários ou com os árbitros. Perdíamos de cabeça erguida e cumprimentávamos ao final da partida, parabenizando os vitoriosos. Fui testemunha ocular de uma jogada que

minha aluna abdicou de buscar a bola por se preocupar em ter pisado em outra jogadora. E o melhor: para ela era óbvia que a escolha certa naquele momento era a jogadora e não o jogo.

- Não posso esquecer de mencionar a qualidade motora e tática que as alunas adquiriram. Após entender que aquela turma era um grupo para aprender e aprimorar os fundamentos do voleibol, percebi que deveria me aperfeiçoar como professor e pela primeira vez respeitei e me aprofundei nas abordagens ditas “retrógradas” da Educação Física. Elas não são e nunca serão ultrapassadas, mas, sim, nosso modo de ministrar aula é que podem ficar para trás.

Analisando o período que trabalhei como equipes esportivas escolares, acredito que aprendi tanto quanto minhas alunas aprenderam comigo. E não tive a soberba de omitir esse sentimento. Sempre valorizei exteriorizar o quanto sou grato por todas as alunas terem me acolhido em momentos difíceis e agradecido também por todos os momentos felizes que passamos. Isso também se ensina.

Atualmente, coordeno um projeto de extensão na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cuja uma de suas propostas é fomentar o esporte educacional entre os alunos do colégio de aplicação. A proposta é valorizar o esporte verdadeiramente educacional e criar um ambiente de sinergia entre os alunos e a instituição.

O motivador que me fez fazer esse ensaio foi um agradecimento. Na verdade, mais do que ser um texto acadêmico, este texto é uma carta de gratidão. Às minhas alunas que passaram por mim ao longo dos anos que estive na frente desta turma. Das vitórias, algumas se lembram. Das derrotas, outras se lembram mais ainda. Do convívio e das amizades construídas, ninguém esquece até hoje...

*“Olha lá, quem vem do lado oposto
Vem sem gosto de viver
Olha lá, que os bravos são
Escravos são e salvos de sofrer*

*Olha lá, quem acha que perder
É ser menor na vida
Olha lá, quem sempre quer vitória
E perde a glória de chorar
Eu que já não quero mais ser um vencedor
Levo a vida devagar pra não faltar amor”
(O vencedor, Los Hermanos)*

REFERÊNCIAS

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Contraponto editora. 1ª ed. 1997.